

AValiação DE PROGRAMAS DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS: SUBSÍDIOS PARA UMA CULTURA EMANCIPATÓRIA.

Cláudia Coelho Santos¹

Marcos Sorrentino²

Resumo

O presente estudo apresenta uma reflexão preliminar acerca da relação entre a educação ambiental e a deflagração de processos de resistência ao discurso hegemônico e tem por objetivo oferecer subsídios para a emergência de uma cultura participativa e emancipatória a partir da avaliação de cursos de especialização voltados à formação de educadores ambientais. Os cursos oferecidos, em momentos distintos, por três universidades – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Universidade de São Paulo (USP), encontram-se na origem da Rede Universitária de Programas em Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis – RUPEA. Embora independentes apresentem semelhanças em relação a alguns aspectos como o processo de ensino-aprendizagem baseado em projetos de intervenção socioambiental e na crítica ética da dominação de um pelo outro. Assim, pretende-se discutir como a educação ambiental pode articular os sujeitos e promover o seu envolvimento na implementação de estratégias participativas de planejamento baseadas nos conceitos de emancipação, autonomia e potência de ação, desarticulando o discurso hegemônico.

1 Introdução

Educação é uma função universal. Todos somos e sempre seremos educandos e educadores, haja vista que o processo educativo permeia o nosso cotidiano, a nossa história.

Segundo Heidegger a palavra é a casa do ser. Daí surge a necessidade de desvelar, qualificar e dar sentido aos conceitos que usamos naturalmente, sem maiores questionamentos e reflexões. A própria Educação Ambiental (EA) passa por essa naturalização. Os mais diferentes sujeitos – ONGs, escolas, universidades, empresas, poder público - *fazem* EA em uma variedade enorme de ações e olhares nem sempre atentas e coerentes com o discurso que propagam.

¹ Doutoranda da ESALQ/USP. Professora Assistente do Departamento de Ciências Biológicas/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – campus de Jequié. Mestre em Recursos Florestais ESALQ/USP.

² Prof. Doutor do Depto. de Ciências Florestais da ESALQ/USP e Diretor de Educação Ambiental do MMA.

2 Construindo caminhos: o curso de especialização em Educação para Sociedades Sustentáveis

2.1 A nossa fala: coordenação e alguns docentes

A compreensão de que uma das possibilidades para a reinvenção do futuro, no caminho apontado por Boaventura de Sousa Santos (1997, 2001), passa por uma ação educacional comprometida com a transformação da sociedade culminou na opção pela elaboração, planejamento e implementação de programas em Educação Ambiental voltados à formação de educadores ambientais que, em sua ação educativa, promovessem a formação de outros agentes de sustentabilidade socioambiental.

Os cursos implementados refletiam a opção política¹³ dos seus idealizadores os quais, entendendo que a ação educativa deve promover e impulsionar a concretização de um projeto a viabilização de um outro projeto de educação no interior das instituições universitárias de que fazem parte, de espaços de locução. Tal postura pressupõe o enfrentamento de obstáculos que surgem a partir da própria estrutura engessada, hierarquizada e burocrática das nossas universidades que ainda resiste a adotar uma postura de abertura para a descoberta e o exercício de novas posturas educacionais.

Partindo desses pressupostos o curso não visava apenas a capacitação técnica dos sujeitos, mas também a sua preparação e formação política, sendo que as seguintes razões foram fundamentais para a sua implementação: primeiro, a compreensão da necessidade de preparação de profissionais, não apenas intelectualmente, mas também no que se refere ao compromisso ético e político, para atuarem no campo socioambiental; e, por fim, o entendimento da necessidade do estabelecimento de uma cultura universitária permeada pelo debate lúcido das questões que impactam a sociedade, a fim de
a formação de sujeitos capazes de atuar no campo socioambiental, promovendo a sustentabilidade socioambiental e a transformação da sociedade.

¹³Gutiérrez (1988, p.44-5) “Opção política é, portanto, tomar partido frente à realidade social, é não ficar indiferente ante a injustiça atropelada, a liberdade infringida, os direitos humanos violados, o trabalhador explorado. Tomar partido pela justiça, pela liberdade, pela democracia, pela ética, pelo bem comum, é opção política, é o fazer político.”

Com a comunidade de aprendizagem pretendíamos estabelecer um processo que promovesse a *implicação*¹⁵ dos sujeitos no seu próprio processo formativo. Essa dimensão partia do pressuposto de que o conhecimento gerado a partir da prática e através do diálogo reflexivo com os outros sujeitos da aprendizagem, em um processo que colocava o sujeito em formação no centro da ação educativa, conduz à construção de um conhecimento realmente incorporado, porque produzido por si e para si. Mais do que isso, a comunidade de aprendizagem pressupõe a solidariedade, a construção de conhecimentos compartilhada entre a comunidade, os/as estudantes, os/as docentes e a

comunidade. O curso, através das disciplinas oferecidas, abordou alguns conteúdos considerados importantes para o entendimento da proposta educativa em desenvolvimento e pertinentes para a atuação competente de um educador ambiental para sociedade

em desenvolvimento. O curso, através das disciplinas oferecidas, abordou alguns conteúdos considerados importantes para o entendimento da proposta educativa em desenvolvimento e pertinentes para a atuação competente de um educador ambiental para sociedade

em desenvolvimento. O curso, através das disciplinas oferecidas, abordou alguns conteúdos considerados importantes para o entendimento da proposta educativa em desenvolvimento e pertinentes para a atuação competente de um educador ambiental para sociedade

em desenvolvimento. O curso, através das disciplinas oferecidas, abordou alguns conteúdos considerados importantes para o entendimento da proposta educativa em desenvolvimento e pertinentes para a atuação competente de um educador ambiental para sociedade

¹arbieter citado por Burnham (1998, p.42) definia implicação como "o engajamento pessoal e coletivo do pesquisador por sua práxis científica, em função de sua história familiar e libidinal, de suas posições passadas e atual nas relações de produção e de classe e de seu projeto sócio-político em ato, de tal modo que o investimento que resulte inevitavelmente de tudo isso seja parte integrante e dinâmica de toda atividade de conhecimento"

democracia.

Grid of empty boxes for writing.

